



REVISTA DE
LINGUAGEM DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL

E-ISSN: 2316-218X

PANORAMA DO CINEMA E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E DESAFIOS ATUAIS

PANORAMA OF CINEMA AND EDUCATION IN PORTUGAL: HISTORICAL PERSPECTIVES AND CURRENT CHALLENGES

Raquel Pacheco. Universidade Autónoma de Lisboa

RESUMO

Este trabalho identifica e oferece uma leitura sobre o surgimento e desenvolvimento do campo do cinema e educação em Portugal, assim como seus atuais desafios. Escrito com a intenção de sistematizar as informações e dados encontrados durante nossa pesquisa, este texto aborda contextos históricos com ênfase nas políticas públicas. Analisamos os motivos e movimentos que impulsionaram e que continuam a impulsionar este campo, assim como aquilo que o retrai e que vem limitando seu crescimento. Focamo-nos nos principais projetos de cinema e educação, tendo como certeza que um campo é uma constituição de elementos em constante movimento.

Palavras-chave: cinema e educação; educação para os media; educação audiovisual; literacia fílmica.

ABSTRACT

This work identifies and offers a reading on the emergence and development of the field of cinema and education in Portugal, as well as its current challenges. Written with the intention of systematizing the information and data found during our research, this text approaches historical contexts with emphasis on public policies. We analyze the motivation and movements that have propelled and that continue to drive this field, as well as that which retracts and that has been limiting its growth. We focus on major film and education projects, knowing that a field is a constitution of elements in constant movement.

Keywords: cinema and education; media education; audiovisual education; film literacy.

INTRODUÇÃO

Até à presente data, apesar da nossa busca, tivemos acesso a poucos documentos que sistematizem e que contem a história do campo do cinema e educação em Portugal. *O Cinema na Escola* (2011) é o título da dissertação de mestrado do professor Pedro Félix Neves, onde encontramos uma retrospectiva sobre o tema e sua implementação no país. Neves destaca o estudo de caso, do qual faz parte enquanto educador, sobre o projeto-piloto do ensino do cinema como opção curricular artística para o 3º ciclo, em duas escolas da região do Algarve.

Além da dissertação de Félix, encontramos breves relatos e alguns trabalhos pontuais que falam sobre o início dos cineclubes no país. Do material encontrado destacamos a publicação da Porto Editora (1998), coordenada por Lauro António com o título *O ensino, o cinema e o audiovisual*, que relata as comunicações do 1º Encontro Nacional O Ensino do Audiovisual, O Audiovisual no Ensino, realizadas na cidade do Porto, no ano de 1997. Reunimos a máxima quantidade de dados encontrados sobre esta temática, e os tratamos de modo a sistematizá-los com a intenção de reconstituir a história, traçando um panorama sobre este antigo/novo campo em Portugal.

A HISTÓRIA DO CINEMA E A EDUCAÇÃO NO PAÍS

Durante o processo de investigação e análise dos dados percebemos a existência de quatro importantes momentos – ou de um acontecimento que tenha marcado e desencadeado uma série de outros acontecimentos também marcantes. Podemos afirmar que estas quatro fases juntas marcaram a história do cinema e educação em Portugal.

O movimento da Educação Nova ou Escola Nova, de Pestalozzi, Montessori e

outros, em Portugal, concretizou-se em debates de ideias e práticas pedagógicas desde o início do século XX. “Propunha-se valorizar o mundo e interesses dos alunos, ligar as aprendizagens à vida, conjugar o trabalho individual com o trabalho de grupo, valorizar os métodos ativos” (PINTO *et al.*, 2010, p.70). Através, principalmente, da pedagogia de Célestin Freinet, valorizou-se os meios de comunicação, como as correspondências interescolares, o uso da imprensa e daquele que era um meio novo e com grande repercussão: o cinema.

O cinema, no início do século XX já era utilizado, mesmo que de maneira modesta e em muito pequena escala, com o objetivo pedagógico, para se trabalhar com crianças e jovens na educação através da escola. É também nesta altura, em 1924, que surge no Porto a Associação dos Amigos do Cinema, precursora dos cineclubes em Portugal. O cineclubista também trabalha o cinema de forma pedagógica quando estimula seus membros a verem, discutirem e refletirem sobre o filme, levando-os a descobrir novas formas de verem o mundo.

A primeira associação a poder considerar-se um cineclubista, a Associação dos Amigos do Cinema, criada no Porto em 1924, proporia fomentar o entusiasmo pela arte [do cinema], criando, conseqüentemente, o maior número de adeptos possível, tendo para o efeito uma sede descrita como “um templo onde se reúnem todos os que compreendem o grande valor da Arte do Silêncio”. (GRANJA, 2007, p.365).

Em 1935 havia cerca de cinquenta locais onde se podia assistir a sessões de cinema. No entanto, “o movimento cineclubista só se considera iniciado em Portugal com a fundação do Belcine – Clube de Cinema da Parede, em 1943, e com a constituição, em abril de 1945, do Clube

Português de Cinematografia (CPC/CCP), no Porto” (CUNHA, 2013, p.2).

A criação dos cineclubes e o primeiro esforço sistemático de afirmação do cinema como arte na Europa parecem ter-se iniciado no momento em que, devido ao aumento da exibição de cinema narrativo norte-americano no pós-guerra e à convergência entre os media literário e cinematográfico, o cinema se começava a constituir verdadeiramente como indústria cultural e espetáculo de massas. (GRANJA, 2007, p.364)

O Centro de Estudos, Documentação e Animação Cultural, com sede em Lisboa, é criado como consequência do resultado dos Encontros de Estudos Cinematográficos, instituídos em 1959, e com delegações em diversas zonas do país. O objetivo do Centro era selecionar filmes, organizar formações de animadores e preparar os guiões de apresentação e debate que acompanhavam os filmes que circulavam pelas delegações. Pinto *et al.* (2010) destacam que os cineclubes, em Portugal, assumem desde a década de 1950 um papel fundamental no campo da educação audiovisual. Após uma década de existência, afirma Cunha (2013), o movimento cineclubista em Portugal conheceu um fulgor sem precedentes, dezenas de cineclubes foram criados em diferentes pontos do país, assim como os cineclubes nas colónias.

Em Portugal, como em outros países, observa-se um certo divórcio, que se mantém atual ainda hoje, entre aquilo que Granja (2007) chama de uma cinefilia popular, que é pouco preocupada com o estatuto estético e cultural do cinema, e uma cinefilia erudita/intelectual, que se apropria do cinema como sua arte. Os cineclubes vivenciaram esta dicotomia: por um lado precisavam atrair um número cada vez maior de sócios para

poder legitimar o cinema como arte universal; por outro lado, tinham o desejo de elevar o cinema ao estatuto de arte erudita e superior, ou seja, arte de elite.

Mesmo quando afirmavam o carácter universal da arte do cinema, não era ao cinema diariamente consumido pelas massas que os cineclubistas se referiam, mas antes a uma concepção de cinema que, salvo raras exceções, se afastaria consideravelmente daquele. Essa concepção assentava numa reflexão crítica sobre os modelos de representação canónica já adoptados pela indústria cinematográfica e aceites pela generalidade do grande público. Assim, a preferência da grande maioria dos cineclubes europeus iria para os filmes de vanguarda que rejeitavam deliberadamente o realismo narrativo e pictórico que o cinema comercial começara a incorporar, precisamente para atrair as classes médias. (GRANJA, 2007, p.365)

Em 1972, José Vieira Marques cria o Festival Internacional de Cinema de Figueira da Foz. Marques vem realizando desde os anos de 1960 ações de formação e cursos de Iniciação Cinematográfica e de Cultura da Imagem. No ano letivo de 1972/1973, apresenta um curso extracurricular realizado na Escola Preparatória Barbosa do Bocage, em Setúbal. Nesta atividade já demonstrava uma preocupação para a “educação do espectador e não para o domínio profissional e técnico do meio cinematográfico” (PINTO *et al.*, 2010, p.72).

De acordo com dados da Federação Portuguesa de Cineclubes, encontramos hoje no país cerca de 43 cineclubes. Foi nos cineclubes de Avanca, Faro e Viseu que surgiram os principais programas de educação audiovisual. A importância dos cineclubes em Portugal é destacada

por Neves (2011), primeiramente por possibilitar uma formação de público que tem a oportunidade de assistir a filmes que não fazem parte dos circuitos comerciais, que fogem à lógica dominante e que normalmente não são de fácil acesso. E também por suas iniciativas em relação aos projetos de cinema e educação, que possibilitam uma aprendizagem da “teoria, técnica, história e estética do cinema”. Atualmente os cineclubes de Avanca, Viseu, Faro e Viana do Castelo (AO-Norte), apesar da falta de apoio, principalmente financeiro, mantêm um importante trabalho de cinema e educação.

O Cineclube de Avanca iniciou as suas atividades em Novembro de 1982, tendo-se vindo a distinguir pelas suas propostas singulares, como os Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia de Avanca que em Julho deste ano terão a sua 15ª edição, ao qual está associado o Festival de Cinema de Avanca, além de outros concursos e iniciativas. (...) Com mais tempo de existência do que o seu vizinho de Avanca, o Cineclube de Viseu mantém desde 1955 uma grande vitalidade, mesmo nos momentos de “adormecimento cultural” do Concelho. Além da divulgação e estudo do cinema, as suas atividades passam pela formação, exposições, concursos, e também pela dinamização de outras áreas artísticas, com particular relevo para a fotografia, através de um concurso anual (NEVES, 2011, p.56-57).

O Cine Clube de Viseu – CCV – realiza sem interrupção, há 18 anos, o Projeto Cinema para as Escolas, que regista

mais de 32 mil participantes a partir dos três anos de idade. Dentro deste projeto encontramos diversas atividades que o CCV desenvolve com crianças e jovens: Pequeno Cinema; Escola Animadas; Aprender em Filmes; Aprender em Festa; Sessões de Cinema; Vanguarda e estéticas no Cinema; Workshop de Realização.

Já o cineclube de Faro desenvolve desde 1997/1998 um trabalho pioneiro e sistematizado de cinema e educação no país, que se chama JCE – Juventude Cinema Escola (voltaremos a abordá-lo mais adiante). A associação AO-Norte, cineclube de Viana do Castelo, fundada em 1994, é atualmente a mais ativa no trabalho de cinema e educação com crianças, adolescentes, professores e escolas. Além de desenvolver um trabalho na divulgação do cinema, de visualização, também desenvolve ao longo do ano projetos de literacia fílmica nas escolas, com alunos e professores. Como forma de estimular a realização e visualização dos filmes produzidos, durante as formações, por crianças e jovens a Ao-Norte realiza festivais de cinema, conferências e intercâmbios culturais, por todo país e também fora dele, além de produzir documentários e desenvolver diferentes projetos na área educativa. Suas ações de formação e atividades estendem-se através de vários projetos como: Olhar o Real, Vídeo na Escola, Histórias na Praça e O Filme da Minha Vida. Anualmente organizam os Encontros de Cinema de Viana, da qual faz parte a Conferência Internacional de Cinema de Viana, que é um espaço de partilha e reflexão, entre outras coisas, sobre o cinema e educação.

ALGUNS PERCURSORES DO CAMPO

Há mais de duas décadas personalidades como Lauro António, Graça Lobo e Teresa Garcia já estavam a pensar e a desenvolver o campo do cinema e edu-

1 Dissertação escrita no ano de 2011. No ano de 2015 decorrerá o 19º Encontro Internacional de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia de Avanca.

cação em Portugal. Lauro António, em 1997, coordenou o 1º Encontro Nacional sobre O Audiovisual no Ensino, O Ensino do Audiovisual, realizado na cidade do Porto durante o III Festival Escolar de Vídeo. Foi neste encontro que expôs a sua preocupação em relação à necessidade de se alfabetizar também para o cinema e para o audiovisual e falou sobre a importância do campo do cinema e educação (que chama de cinema e audiovisual):

Voltando ao cinema e ao audiovisual, tenho consciência plena de que eles representam uma ínfima parcela de todo o projeto de uma educação global e autenticamente contemporânea, mas não duvido também que eles são uma parcela absolutamente vital para a construção de um homem novo, livre nas suas convicções, crítico em suas análises, humanista e sensível na sua forma de compreender e olhar, aberto à multiplicidade de propostas, tolerante perante a diferença, inovador na descoberta de novos caminhos. E não é só formando técnicos que se consegue essa revolução. Ela consegue-se formando e sensibilizando as novas gerações para a especificidade dessa linguagem, para os perigos e armadilhas que ela comporta, da mesma forma que despertando-as para o fascínio dessa magia sem par, lutando contra todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de um qualquer sistema de signos que se procure impor (ANTÓNIO, 1998, p.22).

No âmbito desta mesma comunicação, Lauro António fala sobre a existência dos esboços de iniciativas para a sensibilização do ensino do cinema e do audiovisual em Portugal. Destaca

que, desde os anos 1960, eles são utilizados como “meros auxiliares de ensino” (idem, 1998, p.24). Entretanto, foi no ano de 1991 que o então Ministro da Educação (ME), Roberto Carneiro, e o Secretário de Estado da Reforma Educativa implementaram um programa a nível nacional que incluía o cinema e o audiovisual através de atividades extracurriculares, inserido na Área de Projeto e também como opção curricular dentro do sistema formal de ensino português. Lauro António foi um dos membros deste Grupo de Trabalho de Cinema e Audiovisual nomeado pelo ME. Nesta altura foram oficialmente disponibilizados pelo Ministério, verdadeiras videotecas para cada escola, com filmes completos e também obras editadas.

A ideia na época era que o cinema não deveria ser apenas mais uma ferramenta para se ensinar as disciplinas (poderia também ser!), mas deveria ser visto como uma obra de arte, como um espetáculo, como uma excepcional fonte de conhecimento sobre vários temas. Lauro António recomendava não deixar que uma atividade lúdica se transformasse em mais um pesadelo curricular, já que ver cinema deveria ser um prazer e não uma fonte de preocupações escolares. Para o autor os clássicos devem ser vistos como algo que diverte, ensina, que ajude a compreender o dia-a-dia e que reflète aspetos e a cultura de uma época. O programa também previa a ida dos alunos, acompanhados pelos professores, às salas de cinema. Em relação à vertente da produção, destaca que não basta dar uma câmara para um jovem e dizer para ele fazer filmes. Lauro António (1998) afirma que não vê ganhos para o jovem nesta forma apenas tecnicista de cinema e educação; segundo ele não é importante aprender apenas a apertar um botão se não se sabe orientar a objetiva, se não se sabe como, para quê, ou aquilo que se quer filmar.

Outra questão que António (1998) levanta em relação à sua experiência en-

quanto consultor deste programa do ME é a falta de professores qualificados para iniciarem esta sensibilização ao cinema e ao audiovisual. Entretanto, destaca que, com isso, não quer dizer que no ensino não se encontrem professores apaixonados pelo cinema, mas que é necessário estabelecer um plano de formação de professores a vários níveis. E assim foi feito: o programa organizou algumas formações para mais de 500 professores das mais diversas áreas e o ME elaborou uma legislação especial, “tendente a integrar oficialmente no ensino uma formação técnico-artística na área do cinema e do audiovisual” (António, 1998, p.32).

Mesmo com interesse do ME e do trabalho desenvolvido pelo grupo que o assessorava nesta “Reforma do Ensino Artístico”, António sublinha que “tudo pareceu emperrar daí para cá” (1998, p.33) e afirma o atraso do país nesta área, em relação a outros países da Europa e da América. Conclui dizendo que “o pouco que há feito deixa o terreno quase virgem para os esforços que há que promover e acelerar. Saiba-se aproveitar o tempo perdido, para, sobre ele, se ganhar o futuro” (1998, p.33).

O primeiro projeto de cinema e educação, sistematizado, de longa duração, envolvendo crianças e jovens, desenvolvido no país foi criado e implementado por Graça Lobo. Lobo uniu a sua experiência de 20 anos como professora do ensino secundário a sua experiência como cineclubista no Cineclube de Faro, mais um estágio em Paris, decorrente do mestrado, onde teve contacto com o programa francês Escolas ao Cinema e apresentou a proposta de criar um programa didático de cinema à Direção Regional de Educação do Algarve, para ser implementado em algumas escolas da rede pública de ensino da região. Surge então, no Algarve, O Programa JCE – Juventude Cinema Escola, como uma experiência piloto no ano letivo de 1997/98.

Sobre o JCE, Pereira afirma que: “traduz-se no ensino sistemático e sequencial de um programa de conteúdos temáticos (abordáveis em várias disciplinas) e cinematográficos (linguagem, técnicas, história, profissões), num curso de cinco níveis para escolas EB (do 5º ao 9º anos de escolaridade) e num curso de três níveis para escolas secundárias (do 10º ao 12º anos de escolaridade)” (2011, p.6).

“Ver, aprender, amar cinema” é o lema do projeto Juventude Cinema Escola (JCE) da Direção Regional do Algarve em parceria com o Cineclube de Faro, naquele que é provavelmente o mais sistemático e mais abrangente dos projetos de ensino do cinema em contexto escolar. Apesar de se cingir à região algarvia, o JCE é o projeto a nível nacional com maior longevidade, com mais escolas, professores e alunos envolvidos. Iniciado no ano lectivo 1997/1998 pelas professoras Anabela Moutinho e Graça Lobo, que além da atividade docente também trouxeram a sua experiência na direção do Cineclube de Faro, tem-se mantido ininterruptamente numa rede de escolas do ensino básico e secundário, que vai do 5º ano até ao 12º ano (NEVES, 2011, p.58).

Um dos motivos que mais contribuíram para a criação deste programa foi a percepção de Graça Lobo referente à globalização mediática e à unificação dos gostos e modos de ver, principalmente através do predomínio de filmes norte-americanos exibidos nas salas de cinema e através da televisão (LOBO, 2005). Uma das expectativas de Lobo referente ao trabalho desenvolvido neste programa é que crianças e adolescentes tenham um papel mais ativo na sociedade, contrariando a lógica de distribuição

de filmes. Em termos gerais, os principais objetivos do programa são: testar a capacidade de observação; implementar a análise dos filmes; conhecer a linguagem, técnica e a história do cinema; promover a avaliação dos filmes; reconhecer o cinema como expressão artística; promover a interdisciplinaridade e o trabalho de projeto.

Depois da sessão no cinema para a visualização do filme (cuidadosamente escolhido), “os alunos preenchem uma ficha. Mais tarde, durante uma aula, fazem uma espécie de «correção» dessa ficha” (PEREIRA, 2011, p.5), visualizando o que apareceu na ficha através da imagem do filme em DVD. “No final do ano, todos os alunos têm uma ficha sumativa de aquisição de conhecimentos, e uma ficha qualitativa, para que os professores percebam o que os alunos acharam do programa, quais os filmes que mais gostaram e se pretendem ou não prosseguir para o próximo nível” (idem, 2011, p.5). Os alunos que participam do JCE também podem realizar pequenos filmes, participar de um *quiz show* sobre cinema, realizar peças de teatro, coreografias, levar os pais ao cinema, etc.

Teresa Garcia, assim como Graça Lobo, também trouxe de França as inspirações para o trabalho que desenvolve há uma década e meia, através da associação Os Filhos de Lumière, no campo do cinema e educação com crianças e jovens em Portugal.

Os Filhos de Lumière é o nome de uma associação cultural, vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística. Criada no ano 2000 por um grupo de cineastas e amantes de cinema, no âmbito da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura, a nossa associação concebe, organiza e orienta atividades que visam levar crianças e adolescentes nelas envolvidas a apreciar, compreender e criticar

as obras que resultam da prática da arte cinematográfica. Sempre foi convicção daqueles que se uniram para fundar esta associação que a melhor maneira de adquirir os saberes que nos propúnhamos construir passava pela aquisição de um saber fazer, ou seja privilegiando uma abordagem prática, um conhecimento decorrente da experimentação.²

Preocupados com o rumo que o cinema em Portugal estava a tomar e convidados para desenvolverem um trabalho com o cinema e os jovens durante os anos de 2000 a 2002, na cidade do Porto que então era a Capital Europeia da Cultura, Teresa e um grupo de cineastas amigos iniciaram um trabalho de resistência do cinema a que deram o nome de O Olhar de Ulisses.

Após este movimento, a associação reuniu forças e, com os materiais que tinham, procuraram o cineasta francês Alain Bergala para juntos reconstruírem e darem continuidade ao trabalho que havia sido desenvolvido no Porto. Desde o ano 2000, quando iniciaram os trabalhos, não pararam mais. A associação, apesar de todas as dificuldades impostas por desconexas e antagónicas políticas públicas e o constante descaso político com o setor sócio-educativo-cultural, vem desenvolvendo um resistente e persistente trabalho de cinema e educação. São crianças e jovens, muitas vezes oriundos de bairros sociais e minorias étnicas, que participam em diferentes projetos implementados pela associação onde exibem filmes, na maior parte das vezes portugueses, e de arte/criação, com sessões acompanhadas por fichas técnicas e discussões. Além da vertente “ver e analisar” filmes, a associação também desenvolve o trabalho de realização de filmes com os jovens. O objetivo da associação é que

estes jovens apreciem, compreendam, tenham uma visão crítica do cinema e, através da abordagem prática, ganhem intimidade com a linguagem e o fazer cinematográfico.

Criado em França, em 1995, na celebração dos cem anos de cinema, o programa pedagógico, Cinema: Cem Anos de Juventude, é um projeto pioneiro de cinema e educação, coordenado pela Cinemateca Francesa. Trabalham a partir desta proposta vendo e analisando filmes, ao longo do ano, fazendo exercícios filmados onde descobrem a “matéria do cinema”, realizando pequenos filmes-ensaio em Portugal, França, Espanha, Itália, Reino Unido, Alemanha, Guadalupe, Ilhas Antilhas e Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo). Este projeto reúne profissionais de cinema, professores, salas de cinema, associações e cinematecas e tem vindo a ser implantado em Portugal pela associação Os Filhos de Lumière – em parceria com a Cinemateca Portuguesa /Museu do Cinema – desde o ano letivo de 2006/2007. No ano letivo de 2017/2018 Portugal continua a participar neste programa pedagógico com grupos principalmente na região de Lisboa.

DESAFIOS ATUAIS DO CAMPO

Com o objetivo de conhecer a realidade do país em relação à educação para os media e responder à questão: “onde estamos no que à Educação para os Media diz respeito?” (PINTO *et al.* 2011, p.17), os investigadores da Universidade do Minho, Manuel Pinto e Sara Pereira juntamente com sua equipa realizaram um levantamento e uma investigação minuciosa sobre o tema.

Este estudo marcou uma nova fase da educação para os media, assim como para o campo do cinema e educação em Portugal, pois até então, no país, ainda não se havia realizado um trabalho sistematizado e com um levantamento tão

detalhado sobre as ações práticas/projetos sobre os temas. Também consideramos como importante o fato deste estudo ter feito uma associação formal, colocando o cinema e educação como uma parte importante da educação para os media. Todo este movimento de reconhecimento do campo deu voz àqueles que trabalhavam praticamente no anonimato e no isolamento com seus projetos. Quando o estudo mapeou os projetos existentes, citando em sua publicação, os reconheceu, iniciou um processo de valorização, de visibilidade e voz a um trabalho e um campo que há muito existe.

Em março de 2011 é então realizado o primeiro Congresso Nacional de Literacia, Media e Cidadania, juntamente com o lançamento da publicação *Educação para os Media em Portugal. Experiências, atores e contextos* (2011). Esta publicação realiza um trabalho precursor e fundamental para a Educação para os Media no país, já que dá conta e traça um panorama do então estado do campo. Foi durante o Congresso e através desta publicação que conseguimos dados para responder à questão sobre a escassez de projetos e pesquisas realizadas nesta área em Portugal – principalmente no campo do cinema e educação. Apesar de existirem alguns poucos projetos neste seguimento, este era um campo muito antigo e pouco valorizado por descontinuadas vagas de políticas públicas, normalmente interrompidas a meio e em que se tinha ainda muito para descobrir e fazer. Durante este Congresso a Direção Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia, disponibilizou um documento onde dizia que “o sector de produção audiovisual é um instrumento crucial de expressão de valores culturais, constituindo um vector da cidadania e cultura, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade europeia” (ZACCHETTI, 2006, p.1).

A partir de 2006, como resposta à

necessidades dos media e das indústrias de tecnologias da informação e da comunicação, detetadas pelo Parlamento Europeu, com base nos resultados de investigações na área da literacia para os media apoiados pela iniciativa *eLearning*, a Comissão Europeia iniciou uma reflexão acerca da literacia mediática, no âmbito das políticas europeias para o audiovisual e da Estratégia de Lisboa. A crescente preocupação com a criação de audiências, para que crianças europeias assistam uma programação europeia; para que elas tenham um maior nível de liberdade e curiosidade; que tenham instrumentos para escolher aquilo que querem e sejam capazes de avaliar as implicações das suas escolhas, fez com que aumentasse a preocupação em relação à educação cinematográfica e audiovisual no âmbito da EU (ZACCHETTI, 2010).

Em julho de 2011, a Comissão Europeia publicou um convite³ à apresentação de propostas para um estudo a realizar por peritos a nível europeu sobre a cultura cinematográfica na Europa, que abrangeria todos os países da UE (União Europeia) e do EEE (Espaço Económico Europeu). A intenção deste estudo foi criar recomendações baseadas em evidências para informar e colaborar no quadro de formulação de políticas no âmbito da Europa Criativa. O concurso foi ganho por um consórcio do Reino Unido e alguns parceiros europeus, liderado pelo British Film Institute (BFI) e financiado pela Comissão. E em 2012, o BFI iniciou um levantamento do nível e da oferta de literacia fílmica nos países envolvidos neste estudo, que se chamou Screening Literacy.

Portugal foi um dos países que participou deste levantamento e o professor, Vítor Reia-Baptista, da Universidade do Algarve, fez parte do grupo de cinco ex-

perts (a nível europeu) que participaram deste estudo. Como resultado foram produzidos três relatórios, com os levantamentos, dados, análises e recomendações: *Executive Summary; Country Profiles; Case Studies*.⁴ A professora Miriam Tavares e Vítor Reia-Baptista, através do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, foram os responsáveis pelo levantamento e análise dos dados no país. Os dados apresentados deram conta das seguintes iniciativas: a) da iniciativa JCE que possui o financiamento da Direção Regional de Educação do Algarve; b) do projeto Primeiro Olhar, da Associação Os Filhos de Lumière; c) da iniciativa da Cinemateca Portuguesa que criou a Cinemateca Júnior, e que trabalha basicamente com escolas; d) da existência de alguns projetos pontuais por todo o país; e) e também mencionou a importante atuação dos cineclubes. Uma das recomendações dos especialistas portugueses era de que o programa regional JCE seria “totalmente replicável e sustentável em âmbito nacional”⁵.

No início do ano de 2012, a Secretaria de Estado da Cultura disponibiliza para consulta pública uma nova proposta de Lei para o Cinema e Audiovisual, que contemplava dois artigos que apostam “em moldes inovadores na promoção da literacia e captação de novos públicos”⁶. Deste modo foi oficializado o Plano Nacional de Cinema em Portugal. Durante o 2º Congresso de Literacia Média e Cidadania (2013), a literacia fílmica na Europa e em Portugal foi abordada numa sessão plenária com a presença de Mark Reid, do British Film Institute, Graça Lobo, na altura coordenadora do Plano Nacional de Cinema, e moderada

3 Disponível em: http://bookshop.europa.eu/is-bin/INTERSHOP.enfinity/WFS/EU-Bookshop-Site/en_GB/-/EUR/ViewPublication-Start?PublicationKey=NC0213132

4 Disponível em: <http://www.bfi.org.uk/screening-literacy-film-education-europe>

5 Fonte: <http://edition.pagesuite-professional.co.uk/launch.aspx?eid=f04523a5-46c5-471d-a466-441e23031aa7>

6 Comunicado da Secretaria de Estado da Cultura, em 01 de fevereiro de 2012. Fonte: www.ica-ip.pt

pelo professor Vítor Reia-Baptista, da Universidade do Algarve. Mark Reid falou sobre os dados do projeto Screening Literacy. Graça Lobo, por sua vez, centrou-se na questão da operacionalização do PNC.

Nos mesmos moldes do programa JCE, desenvolvido por mais de uma década a nível regional no Algarve, o PNC teve a sua fase-piloto no ano letivo de 2013/2014, utilizando a já conhecida metodologia desenvolvida pelo JCE. No ano letivo de 2014/2015, teve a sua segunda edição, envolvendo mais escolas e com uma logística mais elaborada, segundo dados da Secretaria de Estado da Cultura:

O Plano Nacional de Cinema (PNC) é uma iniciativa conjunta da Presidência do Conselho de Ministros, através do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, e do Ministério da Educação e Ciência, pelo Gabinete do Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, conforme Despacho n.º 15377/2013, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 229, de 26 de novembro de 2013, e operacionalizado pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), pela Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema e pela Direção-Geral da Educação (DGE). Durante o ano letivo de 2013/2014 estiveram envolvidos: 32 Agrupamentos de Escolas; 175 Professores e 2942 Alunos. Foram realizadas 25 sessões de cinema, das quais 17 em sala de cinema, com a colaboração de 15 Autarquias, da Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema, do Teatro Académico de Gil Vicente e de 3 Cineclubes. Os Professores dos Agrupamentos que integraram as Atividades do PNC tiveram Formação Inicial (Ação de Formação Inicial em 2012/2013 e Sessões

de Formação de Continuidade — 4 horas em 2014). A sessão de cinema foi constituída por quatro filmes (1896) do pioneiro, Aurélio da Paz dos Reis e pelo filme “Aniki Bóbó” de Manuel de Oliveira (1942). Posteriormente foram desenvolvidas pelos professores atividades de análise fílmica com os alunos.⁷

O PNC é uma iniciativa que tem crescido desde seu surgimento, principalmente quando falamos em números de crianças e adolescentes que já participaram de suas atividades. Seu objetivo atual é abranger escolas e alunos de todo país tendo como um dos principais objetivos levar, gratuitamente, meninas e meninos às salas de cinema.

CONCLUSÕES

O texto apresentado abordou o surgimento do cinema e educação em Portugal e de forma sistematizada, delimitou quatro momentos principais, considerados como pontos de viragem, que marcaram a área no país: 1º ponto de viragem - o movimento da Escola Nova e o início dos Cineclubes (Clubes de Cinema); 2º ponto de viragem - alguns precursores do campo do cinema e educação; 3º ponto de viragem - 1º Congresso de Literacia, Media e Cidadania; 4º ponto de viragem - o interesse político da EU pela literacia cinematográfica, a criação da nova Lei do Cinema e Audiovisual em Portugal e do Plano Nacional de Cinema (PNC).

No início do texto há uma referência ao antigo/novo campo do cinema e educação. Quando consideramos que o cinema e educação é um antigo campo, referimo-nos ao fato dele ter surgido no país através da inserção do modelo da

7 Fonte: <http://www.sec-geral.mec.pt/index.php/39-noticias/240-plano-nacional-de-cinema>

Escola Nova e depois com a criação dos primeiros cineclubes, decorridas durante as duas primeiras décadas do século XX, e que são os primeiros exemplos de modelos de cinema e educação no país. E o que queremos dizer quando nos referimos que este é um novo campo em Portugal? A constante interrupção e a ausência de investimentos nas políticas públicas nesta área pode provocar, em um observador menos atento, a ilusão de que ele é um novo campo e que as iniciativas que são implementadas nos dias de hoje são uma grande novidade. Podemos atribuir esta situação à falta de valorização do cinema enquanto arte e a arte como linguagem pedagógica. A ausência de continuidade das iniciativas dentro desta área gera uma sensação e uma expectativa de que tudo que se faz é novo. Entretanto, ao observarmos a história do campo percebemos que estamos a andar em círculos, a construir, desconstruir, e a voltar a construir, e em muitos casos estamos, há anos, desenvolvendo projetos que não se adaptam à dinâmica e à demanda de crianças e jovens do século XXI.

Neste momento, os projetos de cinema e educação em Portugal, e incluímos o PNC, continuam crescendo em quantidade, visibilidade e tamanho. A maior parte destes projetos vivem com os recursos do ICA – Instituto do Cinema e do Audiovisual, que direciona, anualmente, para todos os projetos de cinema e educação por eles apoiados, a mesma quantia (financeira) que disponibiliza, em média, para apenas um festival de cinema. Além do apoio do ICA, os projetos também podem concorrer a alguns financiamentos da Comunidade Europeia e a iniciativas locais. A escassez de recursos e de reconhecimento em relação ao campo contribui com a desarticulação dos seus pares, o trabalho solitário que não propicia a troca de conhecimentos e experiências acarretando uma constante desunião dos envolvidos e protagonistas desta área. Também gera uma competi-

ção silenciosa, que poderia e seria mais produtiva se fosse transformada em colaboração e cooperação.

BIBLIOGRAFIA

ANTÓNIO, L. **O Ensino, o cinema e o audiovisual**. Porto: Porto Editora, 1998.

CUNHA, P. **Cineclubismo e Censura em Portugal (1943-65)**. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional História e Literatura no cinema em espanhol e português, Centro de Estudos Brasileiros da Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2013.

GRANJA, P. **Cineclubes e cinefilia: entre a cultura de massas e a cultura de elites**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

LOBO, G. **Por dentro do filme – o cinema na sala de aula**. Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico, vol. IV, pp. 353-359, 2005.

PEREIRA, A.C. **O cinema ao serviço da educação: A experiência das escolas de ensino básico e secundário no Algarve**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo: ECA/USP, ano XVI, 2011.

PINTO, M.; PEREIRA, S.; PEREIRA, L.; FERREIRA, T. D. **Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos**. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2011.

NEVES, P. **O Cinema na Escola. Estudo de caso – a disciplina de opção cinema no 3º ciclo, no Algarve. Percurso e efeitos no tempo**. Dissertação de Mestrado. FCHS – Universidade do Algarve, 2011.

ZACCHETTI, M. **Literacia mediática: uma abordagem europeia**. European Commission, DG Education and Culture, Media programme and media literacy unit, 2010. Disponível em: <http://ec.europa.eu/culture/media/literacy/index>.

